

## INFÂNCIAS NEGRAS E IDENTIDADES RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O PAPEL DA LITERATURA INFANTIL

PUPIM AZEVEDO, Fernanda<sup>1</sup>  
RODRIGUES M, Marina<sup>2</sup>

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo investigar de que maneira a literatura infantil pode contribuir para a afirmação das identidades raciais na Educação Infantil. A pesquisa desenvolve-se em uma turma de crianças de seis anos, em uma creche municipal, tendo como eixo a obra *O Mundo no Black Power* de Tayó, que aborda de forma sensível e afirmativa a negritude na infância. A escolha do tema justifica-se pela necessidade urgente de fortalecer práticas pedagógicas antirracistas e pela importância de garantir, desde os primeiros anos de escolarização, experiências educativas que promovam representatividade, autoestima e reconhecimento positivo das diferenças. A metodologia adotada é qualitativa, orientada pela pesquisa participante, envolvendo análise de documentos oficiais referentes à implementação da Lei nº 10.639/03, estudo de orientações institucionais, observação do cotidiano escolar e registro das interações e produções das crianças. A investigação busca compreender como a literatura pode atuar como instrumento de valorização das identidades negras e de enfrentamento a processos de apagamento que se reproduzem nas práticas cotidianas. As análises indicam que narrativas protagonizadas por personagens negras ampliam o repertório cultural das crianças, fortalecem o pertencimento racial e favorecem a construção de identidades positivas, evidenciando a literatura como mediadora essencial para o desenvolvimento de práticas pedagógicas comprometidas com a equidade racial.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Educação para as Relações Étnico-Raciais. Literatura.

### Introdução

Refletir sobre a constituição das identidades, especialmente das identidades raciais, é fundamental para compreender o modo como os sujeitos se percebem e se

---

<sup>1</sup>Aluna do Mestrado em Ensino na Educação Básica do Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: [fernandaazevedopupim@gmail.com](mailto:fernandaazevedopupim@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica do Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: [marina.r.miranda@ufes.br](mailto:marina.r.miranda@ufes.br)

inserem no mundo social e cultural. Como destaca Hall (1990), esse processo identitário é dinâmico, em constante transformação, marcada pelas mudanças históricas, sociais e culturais. Para o autor, no paradigma pós-moderno, o sujeito passa a assumir múltiplas posições identitárias ao longo da vida, elaborando narrativas sobre si para dar sentido às contradições e pertencas que o constituem.

No contexto brasileiro, essa discussão torna-se ainda mais relevante quando se observa que as desigualdades raciais permanecem enraizadas na sociedade. Pinsky (1996) alerta que a escravidão não é um acontecimento encerrado no passado, pois sua herança continua mediando relações sociais e estruturando desigualdades. Embora abolida em 1888, a escravidão deixou marcas profundas que se manifestam no racismo estrutural ainda presente nos espaços culturais, sociais e educacionais. Assim, reconhecer a permanência dessas desigualdades é condição essencial para pensar práticas pedagógicas comprometidas com a equidade e a justiça social.

É nesse cenário que o presente estudo se insere, e assume como tema central a relevância da literatura infantil na afirmação das identidades raciais na Educação Infantil. A questão norteadora que orienta esta investigação consiste em compreender de que maneira a literatura infantil pode contribuir para o enfrentamento do racismo estrutural e para a valorização das identidades negras no ambiente escolar. Destaca-se, sobretudo, o papel da escola como espaço de resistência, diálogo e transformação, reconhecendo seu potencial tanto para a reprodução de práticas discriminatórias quanto para a promoção de ações pedagógicas emancipadoras (Gomes, 2023; Hooks, 2013)

A pesquisa será desenvolvida na Creche CEIM Esperança, com crianças de seis anos, por meio de atividades como contação de história — O Mundo no Black Power de Tayó, de Kiusam de Oliveira — rodas de conversa, produções escritas e oficina pedagógica. Essas ações permitirão observar como a literatura infantil pode provocar reflexões sobre representatividade, pertencimento e valorização da cultura negra desde os primeiros anos da escolarização.

O objetivo geral desta pesquisa consiste em investigar de que maneira a literatura infantil pode contribuir para a afirmação das identidades raciais na Educação Infantil, orientando práticas pedagógicas comprometidas com as relações étnico-raciais. Para alcançar essa finalidade, os objetivos específicos articulam-se em compreender como a legislação educacional — especialmente as Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/2008 — fundamenta e orienta práticas voltadas à valorização da diversidade

racial; analisar como essas orientações normativas se materializam no cotidiano pedagógico da Creche CEIM Esperança; identificar de que modo o uso da literatura infantil favorece a representatividade negra e o reconhecimento das diferenças entre as crianças; e refletir sobre os desafios e possibilidades da implementação de práticas antirracistas na Educação Infantil, contribuindo para a construção de uma educação democrática, inclusiva e comprometida com a justiça social.

A pesquisa, de abordagem qualitativa, participante, fundamentada na observação direta e no contato com os sujeitos em seus contextos sociais. Será realizada na Creche Municipal Esperança, no município de Castelo (ES), no ano de 2026, com uma turma do Primeiro Período da Educação Infantil composta por dezesseis crianças de seis anos. Considerando princípios éticos, o nome da escola é fictício.

O estudo fundamenta-se em Lüdke e André (2013), que defendem a flexibilidade e a contextualização como princípios da pesquisa qualitativa. A inserção no campo — característica da pesquisa participante (Marconi; Lakatos, 2003) — permitirão compreender, de forma situada, as práticas pedagógicas e as interações das crianças com a narrativa literária. Durante as atividades, serão realizadas contação da história O Mundo no Black Power de Tayó, rodas de conversa, produções escritas e uma oficina pedagógica com exposição final dos trabalhos.

Para esse percurso, a escolha da obra de Kiusam de Oliveira mostrou-se relevante por apresentar temas como identidade negra, estética afro-brasileira, herança africana, ancestralidade e valorização do cabelo crespo. A protagonista Tayó, representada como uma princesa negra de Black Power imponente, contribui para desconstruir estereótipos de inferioridade e ampliar o repertório simbólico das crianças. Conforme discute Maia (2024) pesquisadora que se dedica aos estudos sobre literatura infantil, formação de leitores e experiências estéticas na Educação Infantil, o contato sensível com textos literários, apoiado em imagens significativas, favorece a identificação, o prazer estético e a formação leitora. O manuseio do livro, a observação das ilustrações e a interação com a narrativa possibilitarão que as crianças expressem sentimentos, percepções e reconheçam elementos de pertencimento cultural.

Nesses aspectos, as reflexões apresentadas por Gomes e Araújo (2023) reforçam que a valorização da infância negra e a indignação diante do racismo são condições indispensáveis para enfrentar fenômenos estruturais que atravessam a vida

das crianças negras no Brasil. Assim, o trabalho pedagógico com literatura torna-se ferramenta potente para promover discussões sobre identidade, beleza e diversidade, contribuindo para práticas antirracistas desde os primeiros anos da escolarização.

Dessa forma, as atividades desenvolvidas evidenciarão que a literatura infantil pode atuar como mediadora essencial na construção da identidade racial, promovendo representatividade, autoestima e pertencimento. Ao articular teoria, legislação e prática pedagógica, o estudo reafirma a necessidade de consolidar uma educação comprometida com a justiça social, a valorização da cultura afro-brasileira e o enfrentamento do racismo estrutural, princípios indispensáveis para uma formação humana democrática e emancipadora.

A fundamentação teórica apoia-se em autores que discutem a educação crítica e emancipatória, tais como Stuart Hall (1990), Paulo Freire (1967), Nilma Lino Gomes (2017; 2023), Kabengele Munanga (1998), bell hooks (2013), Eliane Cavalleiro (2024) e Ailton Krenak (2020).

## **1 Educação crítica, emancipatória e antirracista: fundamentos teóricos**

Refletir sobre uma educação crítica e emancipatória no Brasil implica reconhecer a escola como espaço de resistência, diálogo e transformação social. Nessa perspectiva, Paulo Freire (1967) compreende o processo educativo como prática de liberdade, por meio da qual os sujeitos tornam-se capazes de intervir na realidade e transformá-la. Essa concepção aproxima-se das discussões de intelectuais que analisam as desigualdades estruturais e evidenciam a urgência de práticas pedagógicas capazes de romper com heranças coloniais e racistas, entre eles Nilma Lino Gomes (2017, 2023), Kabengele Munanga (1998), bell hooks (2013) e Ailton Krenak (2020). Esses pensadores ressaltam que o enfrentamento das opressões requer uma educação que valorize identidades plurais, amplie vozes historicamente silenciadas e incentive a participação ativa de crianças e educadores na reinvenção de práticas e currículos.

A educação antirracista, enquanto prática política e pedagógica, também exige que professores reflitam criticamente sobre as linguagens, materiais e relações que estruturam o cotidiano escolar. Cavalleiro (2024) destaca que é responsabilidade dos docentes tensionar discursos e práticas que reproduzem desigualdades, assegurando representatividade, acolhimento e ambientes educativos que fortaleçam



a dignidade das crianças negras. Assim, compreender a educação emancipatória significa reconhecer que transformar a escola implica desnaturalizar o racismo, valorizar a cultura afro-brasileira e garantir que todas as crianças sejam vistas como sujeitos de direitos, identidades e histórias. Considerando essas reflexões, torna-se fundamental analisar como a Educação Infantil pode promover experiências que afirmem identidades e ampliem repertórios culturais desde os primeiros anos. É nesse horizonte que se insere a discussão a seguir, dedicada às relações étnico-raciais, à construção da identidade e à representatividade no cotidiano escolar.

## **2 Relações étnico-raciais, identidade e representatividade na Educação Infantil**

A discussão sobre identidade racial na infância é atravessada por disputas simbólicas, históricas e políticas. Para Nilma Lino Gomes (2017), pensar a construção das identidades raciais é compreender que elas são produzidas nas interações sociais, nos discursos e nas práticas institucionais que definem quem é visto, reconhecido ou invisibilizado. Na Educação Infantil, essas dinâmicas tornam-se ainda mais sensíveis, pois é nesse período que as crianças iniciam processos de auto-identificação, percepção de pertencimento e construção da autoestima. Nesse aspecto, Munanga (1998) acrescenta que a negritude envolve a consciência de pertencimento racial e deve ser afirmada desde cedo, de modo que crianças negras possam desenvolver sentido positivo de si, contrariando narrativas racistas que atravessam a sociedade.

As atividades pedagógicas desenvolvidas com o livro *O Mundo no Black Power* de Tayó envolverão a contação da história, seguida de uma roda de conversa na qual as crianças poderão compartilhar percepções e sentimentos sobre a narrativa. Em continuidade, serão realizadas atividades escritas e uma oficina pedagógica, culminando na exposição dos trabalhos produzidos. Essas ações buscarão favorecer o reconhecimento da diversidade cultural e racial, valorizar a estética negra e fortalecer práticas antirracistas no cotidiano da Educação Infantil.

A literatura, conforme ressalta Maia (2024), aproxima bebês e crianças pequenas da linguagem escrita e transforma o contato com os textos em experiências prazerosas, fortalecendo vínculos afetivos e ampliando as possibilidades de leitura de mundo. A obra de Kiusam de Oliveira aborda temas como escravização, herança afro-brasileira, ancestralidade e cosmovisão africana, despertando a identidade cultural infantil por meio de uma narrativa sensível e visualmente expressiva. Durante as

atividades, o manuseio do livro, a observação das ilustrações e o contato com a protagonista — uma princesa negra orgulhosa de seu cabelo crespo — contribuirão para desconstruir estereótipos de inferioridade racial e promover a valorização da negritude. A força das imagens, essencial nessa faixa etária, ampliará a compreensão da narrativa e favorecerá conexões entre texto e vivências (Maia, 2024).

A representação da protagonista como princesa negra cria uma atmosfera de encantamento e reconhecimento, elementos essenciais para fortalecer o protagonismo infantil. Como defendem Gomes e Araújo (2023), respeitar a infância negra e indignar-se diante do racismo são condições indispensáveis para enfrentar desigualdades estruturais. Assim, a escolha do livro *O Mundo no Black Power* de Tayó revelou-se particularmente significativa por promover discussões sobre identidade, beleza, orgulho e pertencimento, ajudando as crianças a refletirem sobre si mesmas e a valorizarem suas características e origens.

### 3 Considerações finais

As discussões desenvolvidas ao longo deste trabalho evidenciam que a sociedade brasileira, constituída por múltiplas matrizes culturais e étnicas, ainda carrega marcas profundas da herança escravocrata, do racismo estrutural e da lógica eurocêntrica que orienta muitas práticas sociais e educativas. Nesse cenário, torna-se evidente a urgência de uma educação emancipatória que, desde a infância, favoreça o reconhecimento, a afirmação e a valorização das identidades étnico-raciais. As experiências pedagógicas analisadas demonstrarão que a literatura infantil, especialmente quando protagonizada por personagens negras, é um instrumento potente para promover o diálogo sobre identidade, beleza, pertencimento e justiça social.

Nesse contexto, a atuação docente, articulada às diretrizes da Lei nº 10.639/03, torna-se central na construção de práticas antirracistas que ampliem a compreensão das crianças sobre si mesmas e sobre o mundo. Conclui-se que ações educativas intencionais e sensíveis poderão contribuir significativamente para o fortalecimento da autoestima das crianças negras, para o combate ao racismo e para a formação de sujeitos críticos, capazes de participar da construção de uma sociedade verdadeiramente democrática e igualitária.



## Referências

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira"**, e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. **Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena"**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

CAVALLEIRO, E. **Educação antirracista: práticas, desafios e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2024.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GOMES, N. L; ARAÚJO, R. **Educação, infância e relações raciais: desafios e possibilidades para a prática pedagógica antirracista**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2023.

GOMES, N. L. **Educação, identidade negra e formação de professores**. 4. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2023.

GOMES, N. L. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1990.





HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. São Paulo: EPU, 2013.

MAIA, A. C. **Literatura e primeira infância**: caminhos para a formação leitora. São Paulo: PUC-SP, 2024.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MUNANGA, K. **Negritude**: usos e sentidos. São Paulo: Ática, 1998.

OLIVEIRA, K. **O mundo no *Black Power* de Tayó**. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2020.

PINSKY, J. **Por uma história do Brasil**: os desafios do passado no presente. São Paulo: Contexto, 1996.

